

RECORTES URBANOS: A COLAGEM COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Laís Hora Menezes ¹
Iuri Oliveira dos Santos ²
Anézia Maria Fonsêca Barbosa ³

RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência cujo objetivo é descrever uma das atividades de aprendizagem ativa desenvolvidas com as turmas de 3º ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS), durante a participação no Programa Licenciandos/as na Escola (PROLICE/UFS), no ano de 2024. A atividade foi elaborada com base no conteúdo de Urbanização brasileira e estruturada em quatro momentos. O primeiro consistiu em uma aula expositiva sobre o processo de urbanização e os problemas urbanos enfrentados pela população. Em seguida, os estudantes foram divididos em grupos de até cinco integrantes e participaram do sorteio dos temas relacionados a diferentes problemáticas urbanas. No terceiro momento, os alunos iniciaram a elaboração de seus jornais temáticos, utilizando recortes de jornais impressos, colagens e montagem visual, sem qualquer produção textual escrita original. Por fim, cada grupo apresentou o jornal produzido, explicando o título, o conteúdo da matéria construída e sua relação com o cotidiano da Região Metropolitana de Aracaju, no estado de Sergipe. Para fundamentar teoricamente a proposta, foram utilizados autores como Freire (1996), Cavalcanti (2002, 2007), Castellar e Vilhena (2010) e Faria et al. (2025).

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Aprendizagem ativa, Urbanização, Colagem.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia na educação básica configura-se como um desafio constante, sobretudo diante do imediatismo característico das novas gerações, que intensificado pelo uso excessivo de telas contribui de forma significativa para a redução da concentração e do engajamento nas atividades escolares. Portanto, a adoção de estratégias metodológicas que favoreçam a concentração dos estudantes por meio de atividades práticas em sala de aula pode ser um bom caminho a se seguir.

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, laishoramenezes@gmail.com;

² Mestrando do Curso de Pós-graduação de Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe - UFS, iurioolv@gmail.com;

³ Professora orientadora, Doutora em Geografia, Universidade Federal de Sergipe - UFS, aneziamaria@academico.ufs.com.



É indispensável que o professor desenvolva metodologias de ensino que aproximem os conteúdos geográficos da realidade vivida pelos estudantes, sem abandonar o incentivo à organização, à concentração e à boa convivência em sala de aula.

Nesse contexto, ensinar Geografia por meio de aprendizagens ativas, que considerem a realidade do aluno e estimulem a concentração, permite ao docente maior domínio da sala de aula e aos estudantes maior liberdade, de modo que construam o conhecimento a partir de sua própria perspectiva de mundo, enquanto o professor atua como orientador e mediador.

As vivências dos estudantes podem constituir importantes instrumentos de reflexão, especialmente quando relacionadas às condições de desigualdade social. Essas experiências possibilitam a problematização de questões sociais e ambientais, como a poluição de rios e córregos, a presença de lixões, a falta de bem-estar das classes populares e as repercussões desses fatores na saúde (Freire, 1996).

Por isso, trabalhar o processo de urbanização brasileira a partir da realidade dos alunos é uma excelente forma de levá-los a perceber a ciência geográfica em seu entorno, seja nas relações econômicas, políticas ou sociais. Segundo Cavalcanti (2002, p. 16), “os temas da cidade e do urbano são conteúdos educativos que propiciam aos alunos possibilidades de confronto entre as diferentes imagens de cidade, as cotidianas e as científicas”.

Entretanto, é necessário que o docente aborde conceitos geográficos inicialmente em escalas locais, de modo que, a partir da compreensão da realidade próxima, o estudante consiga interpretar também as escalas mais amplas, como a regional, a nacional e a global. Nesse sentido, “o trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social” (Cavalcanti, 2002, p. 12).

Os estudantes devem perceber que o espaço geográfico não é apenas um local físico, mas de interações sociais, culturais, econômicas e simbólicas, compreendendo a diversidade das paisagens, fluxos e funções. De acordo com Castellar e Vilhena (2010, p. 15) “ao observar os elementos que compõem o espaço vivido, o aluno perceberá a dinâmica das relações sociais presentes na organização e produção desse espaço [...]”.

A capacidade de articular conceitos e significados de forma integrada possibilita organizar os conhecimentos em rede, favorecendo, assim, uma aprendizagem significativa. Entretanto, “a construção de conceitos não é exclusividade da escola, na medida em que o



processo de construção conceitual ocorre a partir da vivência do sujeito, das interpretações sobre o mundo, das representações sociais que possuem" (Castellar e Vilhena, 2010, p. 102).

No ensino da Geografia, um dos principais aspectos positivos reside em seu objeto de estudo, o espaço geográfico, o qual é vivenciado cotidianamente pelos discentes e torna possível a articulação de conceitos, promovendo a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento, uma vez que se trata de uma realidade que eles conhecem, experienciam e fazem parte.

Por outro lado, de acordo com Cavalcanti (2007, p. 11) "a *espacialidade* em que os alunos vivem na sociedade atual, como cidadãos, é bastante complexa. Seu espaço, diante do processo de mundialização da sociedade, extrapola o lugar de convívio imediato, sendo traçado por uma figura espacial fluida, sem limites definidos."

Seguindo essa lógica, pensar o espaço geograficamente torna-se um desafio imensurável, atravessado por diversas lógicas, escalas e dinâmicas. Por isso, "o ensino de Geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua *espacialidade*" (Cavalcanti, 2007, p. 24).

A colagem é uma metodologia que pode e deve ser utilizada de diversas maneiras. Nesse trabalho, ela é apresentada como uma estratégia de aprendizagem ativa, que integra conteúdos de Geografia, técnica, concentração, criatividade e habilidades manuais por parte dos discentes.

Além disso, a colagem pode ser compreendida como uma forma de texto, de expressão e de representatividade vinculada à linguagem visual, podendo configurar-se como uma ferramenta de caráter social, histórico e cultural, capaz de proporcionar novas perspectivas sobre a realidade (Faria; Badim; Araújo, 2025).

O desenvolvimento de atividades que possuem a colagem como metodologia "expõe uma constante investigação, pois desconsidera hierarquias e remixa recortes de jornal, fotografias de satélite, ilustrações de livros de biologia, referências da história da arte e toda sorte de impressos" (Oliveira, 2016, p. 113).

Na colagem, nenhum recorte de imagem é mais importante, todas possuem o mesmo valor simbólico e visual dentro da composição. O sentido final emerge a partir da combinação entre os diferentes fragmentos, revelando que o verdadeiro valor dessa prática está no processo de elaboração (Oliveira, 2016).

Dessa forma, a colagem não se resume ao simples ato de colar imagens, mas a um processo de criação e reflexão “que permite misturar estilos variados, épocas distintas, diferentes categorias e significações” (Oliveira, 2016, p. 112).

Diante do exposto, este trabalho consiste em um relato de experiência que tem como objetivo descrever uma das atividades práticas desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS), com estudantes do 3º ano do ensino médio, durante a participação no Programa Licenciando na Escola (PROLICE/UFS), no ano de 2024.

A atividade adotou a colagem como recurso pedagógico no ensino de Geografia Urbana, estimulando os estudantes a produzirem jornais fictícios por meio da seleção e reorganização de fragmentos de jornais impressos. Essa proposta favoreceu a análise crítica de temáticas urbanas, ao mesmo tempo em que desenvolveu a criatividade, a concentração, e a capacidade interpretativa, além de auxiliar na releitura de diferentes representações geográficas a partir da elaboração de um material visual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade foi organizada em quatro etapas e desenvolvida pelos os estudantes do 3º ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS).

A primeira etapa consistiu em uma aula expositiva sobre o processo de urbanização brasileira, abordando seu percurso histórico, a formação das hierarquias urbanas e conceitos fundamentais como êxodo rural, cidades globais, metrópoles, megalópoles e megacidades.

Além desse arcabouço teórico, foram discutidas também as consequências e os aspectos positivos da urbanização, promovendo reflexões e estabelecendo relações entre o processo urbano e o espaço vivido pelos estudantes em seu cotidiano. Como resultado, emergiram discussões sobre temas como violência urbana, precariedade do transporte público e desigualdade socioespacial, sendo que muitos alunos compartilharam experiências pessoais que ilustraram essas problemáticas.

A segunda etapa teve como objetivo a organização dos estudantes para a realização da atividade prática (Figura 1). Os alunos foram divididos em grupos de até cinco integrantes e

participaram de um sorteio que definiu diferentes temáticas relacionadas aos problemas urbanos

comentados durante a aula. Entre os temas sorteados estavam a violência, a degradação ambiental, a deficiência no saneamento básico, precariedade dos serviços de saúde pública e dificuldades associadas ao transporte coletivo.

Figura 1 – Organização dos estudantes em grupos



Fonte: acervo pessoal da autora, 2024.

Em seguida, com base nas temáticas sorteadas, os grupos foram orientados a elaborar uma manchete de jornal em uma folha de papel A3, utilizando recortes de jornais impressos previamente disponibilizados pela docente.

As temáticas sorteadas pelos grupos abrangeram diferentes aspectos da vida urbana, possibilitando que os estudantes explorassem múltiplas dimensões do espaço urbano, relacionando-as com a realidade local e suas experiências cotidianas.

O processo de elaboração da atividade (Figura 2) seguiu alguns critérios fundamentais como a criação de um nome para um jornal fictício e a elaboração de uma manchete capaz de atrair a atenção do leitor. Além disso, a confecção do material foi realizada por meio de recortes e colagens de jornais impressos, sendo as notícias retiradas desses periódicos ou produzidas pelos próprios estudantes. Ressalta-se que não foi permitido o uso de elementos



escritos manualmente, no entanto, os alunos podiam complementar o trabalho com ilustrações autorais, contribuindo para enriquecer a composição visual e expressiva da atividade proposta.

Figura 2 – Processo de elaboração da atividade



Fonte: acervo pessoal da autora, 2024.

Na quarta e última etapa, com os jornais já finalizados, os estudantes apresentaram as manchetes elaboradas por seus grupos, explicando a relação entre a temática sorteada e a realidade da Região Metropolitana de Aracaju.

O grupo responsável pela temática do transporte público, por exemplo, criou a manchete “*Caos sobre rodas: o desafio diário da mobilidade em Aracaju*”, destacando as dificuldades enfrentadas pela população nos deslocamentos cotidianos e estabelecendo uma relação direta com a realidade vivenciada pelos próprios estudantes.

Durante as apresentações (Figura 3), os estudantes demonstraram consistência teórica e coerência com as temáticas propostas, evidenciando o envolvimento e a criatividade. As manchetes elaboradas apresentaram caráter crítico e, em alguns casos, assumiram um tom



sensacionalista, estratégia que contribuiu para despertar o interesse dos demais estudantes da turma.

Figura 3 – Apresentações dos grupos



Fonte: acervo pessoal da autora, 2024.

Além disso, os nomes atribuídos aos jornais fictícios revelaram elevado grau de criatividade e diversidade temática, variando entre abordagens sérias e humorísticas. Entre os exemplos produzidos pelos estudantes, destacaram-se títulos como “*Jornal Folha do Estudante*”, “*Gazeta das Meninas*”, “*Escândalo em Foco*” e “*Fofocas em Dia*”. Esses nomes não apenas demonstraram o envolvimento dos alunos no processo de criação, mas também introduziram um tom lúdico e descontraído às apresentações, contribuindo para o engajamento do trabalho coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano e as experiências empíricas dos alunos desempenham papel fundamental na formulação de conceitos geográficos. Quando mediadas por práticas docentes eficazes, essas vivências adquirem relevância no processo de aprendizagem, sendo potencializadas por estratégias pedagógicas como a colagem.



A abordagem metodológica adotada, mostrou-se adequada para o alcance dos objetivos, uma vez que os alunos se mantiveram concentrados, demonstraram criatividade na elaboração dos jornais fictícios e exercitaram habilidades de análise crítica e interpretação do espaço urbano. A colagem, nesse contexto, revelou-se uma ferramenta eficaz para estimular a aprendizagem ativa, promover a cooperação entre os estudantes e favorecer o desenvolvimento de competências cognitivas e expressivas no ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS

- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Coleção Ideias em Ação; coordenação de Anna Maria Pessoa de Carvalho).
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus Editora, 2007.
- FARIA, Edna Silva; BADIM, Alexandre de Araújo; ARAÚJO, Felipe Rodrigues de. Colagens e semiótica: metodologias de dinamização em sala de aula. **Ciência ET Praxis**, v. 20, n. 35, p. 122-140, 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- OLIVEIRA, Wolney Fernandes de. **Saberes-fazeres cartografados à partir das memórias do meu avô**. 2016. 189 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.